



GUERRA JUNQUEIRO

FINIS PATRIAE

QUARTA EDIÇÃO



LISBOA  
TYPOGRAPHIA MODERNA-MINERVA  
1892

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
ORIGENES LESSA  
Tombo N.º 25205

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

1877

1877

LIBRARY OF THE UNIVERSITY OF TORONTO

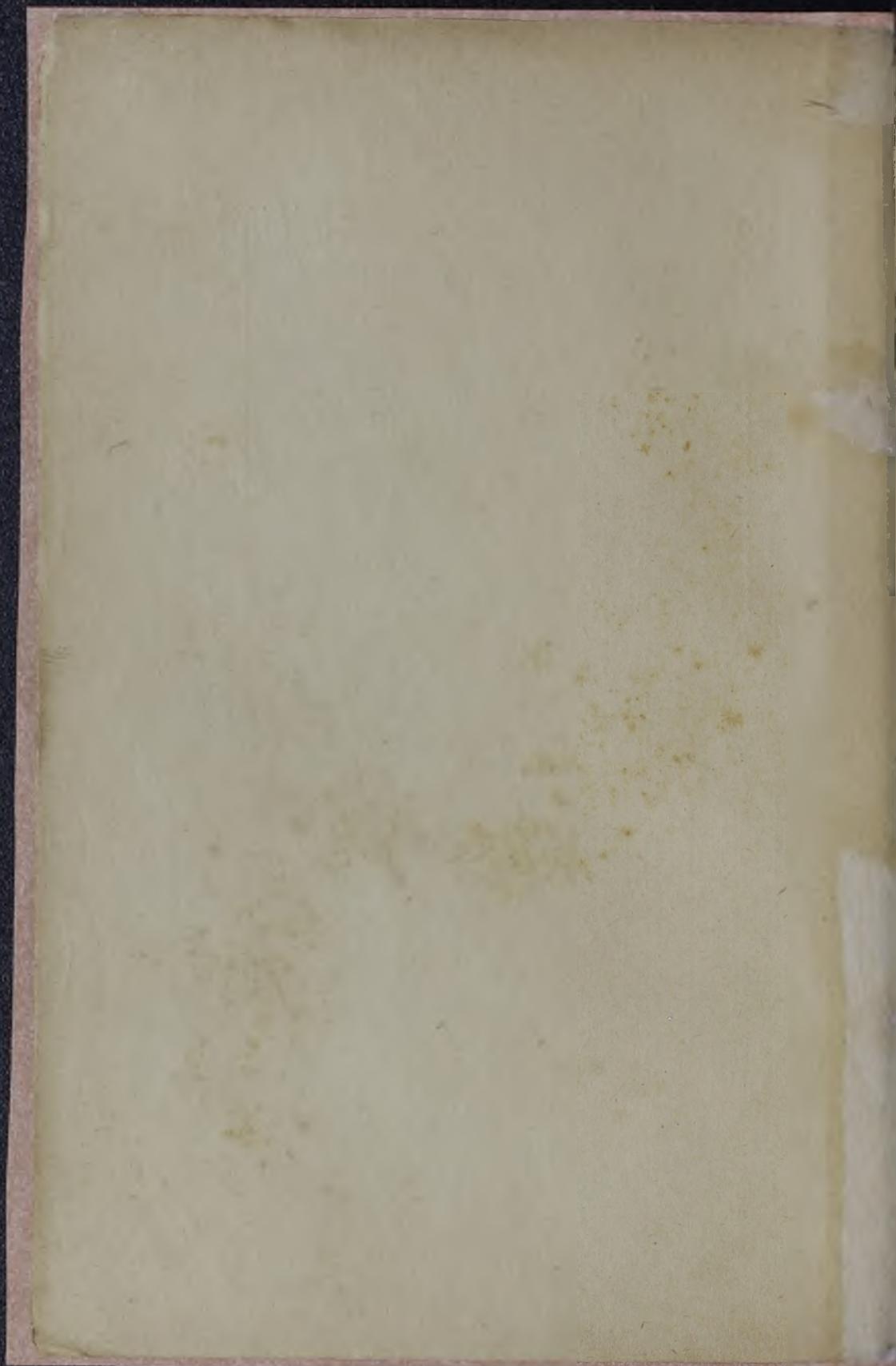
*Faltam choupanas de camponezes*

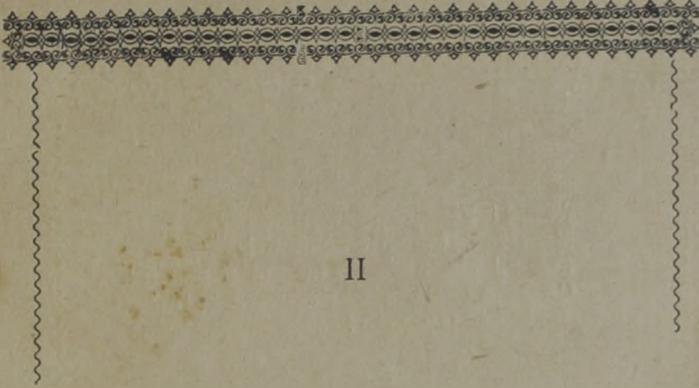
Pulula a infancia na pobreza !...  
Campos maninhos!...  
E os berços cheios... Que tristeza !  
Como é que Deus seca a deveza,  
Fazendo os ninhos ?!

Vento, porque é que nos arrasas  
N'um turbilhão ?!  
Na enxerga fria tremem azas,  
No lar extinto faltam brasas,  
Nas arcas negras não ha pão !

O gado é morto, a seara é morta,  
Morta a alegria.  
O sol requeima, a geada corta...  
Anda um fantasma á nossa porta  
De noite e de dia...

Cadela tísica, sem dentes,  
Vesgo animal,  
A Fome d'olhos relusentes  
Uiva, chorando como os doentes  
N'um hospital...





II

*Fallam prossilgas de operarios*

Creanças rotas, sem abrigo...  
A enxerga é podre e a roupa é leve...  
- Quarto sem luz, meza sem trigo...  
Quem é que bate ao meu postigo?  
—A neve!

A usura rouba a luz e o ar  
E o negro pão que a gente come...  
Inverno vil... Parou o tear...  
Quem vem sentar-se no meu lar?  
—A Fome!

Lume apagado e o berço em pranto  
Na terra humida, Senhor!  
A mãe sem leite... o pae a um canto...  
Quem vem além, torva de espanto?  
—A Dor!

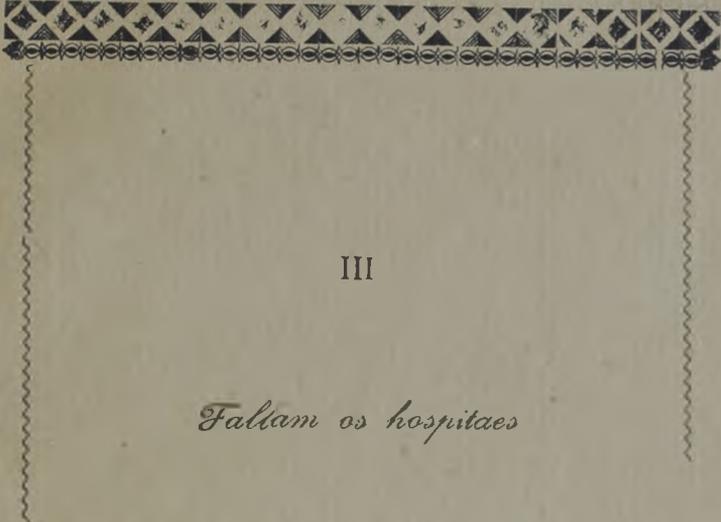


Alcool ! Veneno que conforta,  
Monstro satânico e sublime !...  
Beber ! beber... e a magoa é morta !...  
Quem é que espreita á nossa porta?  
—O Crime !

Doze annos já, e seminua !  
A mãe, que é d'ella?... o pae no officio...  
Corpo em botão d'aurora e lua !...  
Quem canta além n'aquella rua?  
—O Vicio !

A fome e o frio, a dôr e a usura,  
O vicio e o crime... ignobil sorte !  
Oh vida negra ! Oh vida dura !...  
Deus ! quem consola a Desventura?  
—A Morte !





III

*Faltam os hospitaes*

Tossi, tossi, pulmões desfeitos,  
Em vielas lobregas sem ar!  
Nos dormitórios faltam leitos...  
Tossi, pulmões, nos magros peitos,  
Tossi, que a Morte quer jantar!

Morrei de fome, no abandono,  
Mendigos tropegos, senis...  
E invejae, não o rei no throno,  
Mas os cães grandes que tem dono  
E as feras más que tem covis!...

Loucos, d'olhar torvo d'assombros,  
Brandindo em furias, um bordão,  
Farrapos tragicos nos hombros,  
Por pinheiraes, por entre escombros,  
Uivae, uivae na escuridão!...



Lepras e cancos dissolventes,  
Apodrecei nos tremedaes...  
Apodrecei, rangendo os dentes,  
Medonhos monstros pestilentes,  
Latrinas d'almas imortaes!

E que essas almas, negra herança!  
Se reproduzam com ardor  
Em milhões d'almas de creança,  
Rios de morte e de vingança,  
Torrentes funebres de dôr!

Rios de sangue miserando,  
Maldito sangue de Caim,  
Eternamente blasfemando,  
E o mar da vida derivando  
Sempre! sem fim! sem fim! semfim...



IV

*Fallam casebres do pescadores*

Mar pavoroso, mar tenebroso,  
Profundo mar!  
Furias eternas, furias eternas...  
Nas ondas negras ha cavernas  
Com monstros verdes a ulular...

Mar soluçante, mar trovejante,  
Nocturno mar!  
Ventos e frios, ventos e frios...  
Nas ondas torvas ha navios  
Com marinheiros a cantar...

Mar de tormenta, mar que rebenta,  
Convulso mar!  
Noites inteiras, noites inteiras  
Nas praias tristes ha lareiras  
Com mães e noivas a resar...

Mar vagabundo, mar furibundo,  
Soturno mar!  
Ais e tumultos, ais e tumultos...  
Nas ondas roucas andam vultos  
De marinheiros a boiar...

Mar infinito, mar infinito,  
Maldito mar!  
Noite e procelas, noite e procelas...  
Entre lençoes, restos de velas,  
Ha orfãosinhos a chorar!...



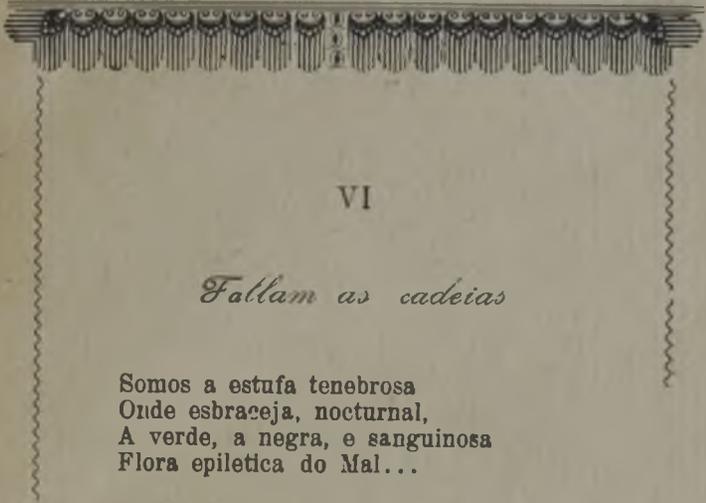
V

*Fallam as escolas em ruínas*

A alma da infancia é um passarinho;  
Gorgeia o ninho e a escola chora:  
Na infancia cae a noite; e o ninho  
Tem sobre as plumulas d'arminho  
A aurora.

A alma da infancia é flor mimosa;  
A escola é triste e a flor vermelha:  
Na escola paira a c'ruja odiosa,  
E sobre o calice da rosa  
A abelha.

Tu fazes, Patria, as almas cegas,  
Prendendo a infancia n'um covil.  
Aves não cantam nas adegas;  
Se a infancia é flor, porque lhe negas  
Abril?!



VI

*Fallam as cadeias*

Somos a estufa tenebrosa  
Onde esbraceja, nocturnal,  
A verde, a negra, e sanguinosa  
Flora epiletica do Mal...

Vegetações, como serpentes,  
Estorcem no ar os galhos nus,  
Florindo em úlceras ardentes,  
Em cancrios ruins a esvurmar pus!

E sobre os calices funestos,  
Vampirizando um rico extracto,  
Zumbem cantaridas d'incestos,  
Larvas de estupro e assassinato!

E a flora tragica pulula  
Na surda-muda escuridão,  
Fartando a infamia da sua gula  
No horror da nossa podridão.

Somos o exgoto onde se encana  
Para o inferno tumular  
Toda a estrumeira da alma humana,  
Lixo de Deus a fermentar.



Aqui se junta e se comprime  
Lodo que dá, bem distilado,  
Hiper-vitriolo de crime  
Raivosamente sublimado.

Piedade é flôr que aqui não medra;  
Não acha abrigo a que se acoite.  
Transpira odio a nossa pedra,  
Goteja sangue a nossa noite.

E é noite aqui a toda a hora,  
Noite que apaga toda a luz,  
Quer venha a rir do olhar da aurora,  
Quer a chorar do de Jesus!

N'estes covis onde ella escarra,  
A Lei, violando a natureza,  
Da unha adunca extrahe a garra,  
Da mão sinistra faz a preza.

O diabo aqui n'esta gehena  
Se ocupa, rindo, a transformar  
Um cão vadio n'uma hyena  
E um gato bravo n'um jaguar.

Aperfeiçoa o monstro humano,  
Retrocedendo-o ao seu covil:  
Faz do bimana o quadrumano,  
E do quadrupede o reptil.

E emfim, depois de o ter a rastros,  
Para girar o ciclo todo,  
Do verme, que olha ainda os astros,  
Faz a abjecção suprema:—Lodo!



VII

*Fallam condemnados*

Faminto, nú, sem mãe, sem leite,  
Reubei um pão.  
Quem vai alem de farda e de gran-cruz  
[ao peito ?  
—Um ladrão !

Todos os crimes da Desgraça  
Em mim reuno.  
Quem vai alem tirado a parelhas de raça?  
—Um gatuno !

Pela miseria crapulosa,  
Eu fui trahido.  
Que esplendido palacio em festa ! Quem o  
goza ?  
—Um bandido !

Viola, seduz, furta, assassina,  
Milhão ! Es Rei !  
Que prostituta está cantando áquella es-  
(quina ?  
—A Lei.



VIII

*Fallam as fortalezas desmanteladas*

Eram de rocha viva as ameias crestadas,  
Para gigantes e condores !  
Hoje das pedras mutiladas  
Fazem cascalho nas estradas  
Os britadores.

Varreu-nos a metralha os baluartes escuros  
Tombando fria aos nossos pés !  
Eil-o o Bretão d'olhos perjuros:  
Como é que arrasa os nossos muros ?  
A pontapés.

Eram de bronze eterno, eram d' aço im-  
(poluto  
Almas d' heroes, linguas d' espadas !  
Eil-o o inimigo fero e bruto:  
Como é que escala o meu reduto ?  
As gargalhadas.

Cantaram sobre nós, montante adaga e  
(lança

Trinta epopeias !  
Eil-o o inimigo, eil-o que avança :  
Vai metralhar-nos, que nos lança ?  
Merda ás mãos cheias !



IX

*Fallam os monumentos arrasados*

Claustros, abobadas, arcadas,  
Muros batidos do tufão,  
Campos partidas e violadas,  
Craneos de reis, poeiras d'ossadas,  
Tudo no chão !

No chão rosaceas e cruzeiros,†  
Grimpas, zimbórios, campanis...  
Em tumbas negras de mosteiros,  
Onde dormiram cavaleiros,  
Santas e heroes, dormem reptis !

Montões de estatuas em pedaços,  
Torres, castellos, cathedraes,  
Templos sem Deus, cruzes sem braços,  
São estreitados por abraços  
De matagaes !



A alma das pedras sacrosantas,  
Chorando á noite, faz horror !...  
Quem é que escuta as vozes santas ?  
Os homens não... talvez as plantas  
Sintam melhor aquella dôr !...

Talvez os ninhos e as verduras,  
Talvez as aguas mais os ventos  
Ouçam melhor que as creaturas  
As vozes tragicas, escuras,  
Dos monumentos !...

Torres outr'ora olhando os astros,  
Flechas sem fim, oh, raiva, oh, dó !  
Marmores, bronzes, alabastros,  
Grandeza e gloria... tudo a rastros,  
Tudo aos bocados, tudo em pó !

E ó Deus, ó Deus de tanta ruina,  
De tanta dôr calcada aos pés,  
N'uma entrudada libertina,  
Faz seus palacios a Rapina,  
Faz o Impudor os seus chalets !



BIBLIOTECA MUNICIPAL  
CORIGENES LESSA.

Tombo N.º 25205



X

*Callam estatuas d'heroes*

Oh raça triste, o raça espuria  
De miseraveis sem valor!  
Sob o azorrague e sob a injuria,  
E' de comedia a vossa furia,  
E' de entremez a vossa dôr!

Vergonha ignobil! O que importa  
Contra um Leopardo a indignação,  
Se consentis que á vossa porta  
A Liberdade seja morta,  
Estrangulada por um cão?!

Que admira emfim que uma pantera  
De garras d'aço e olhar sombrio  
Coma, n'um bom jantar de féra,  
Um povo podre que tolera  
Os dentes maus d'um cão vadio?!

Pois esse povo agonisante,  
Quando revive para a historia  
E vae, frenetico e radiante,  
Saudar a estatua do gigante  
Cantor da sua eterna gloria,



Deita a fugir, (como é ficticia  
Vossa bravura, homens venaes!)  
Vendo um corcunda, que imundicia!  
E um rei d'espadas (de policia)  
Com quatro esbirros, nada mais!...

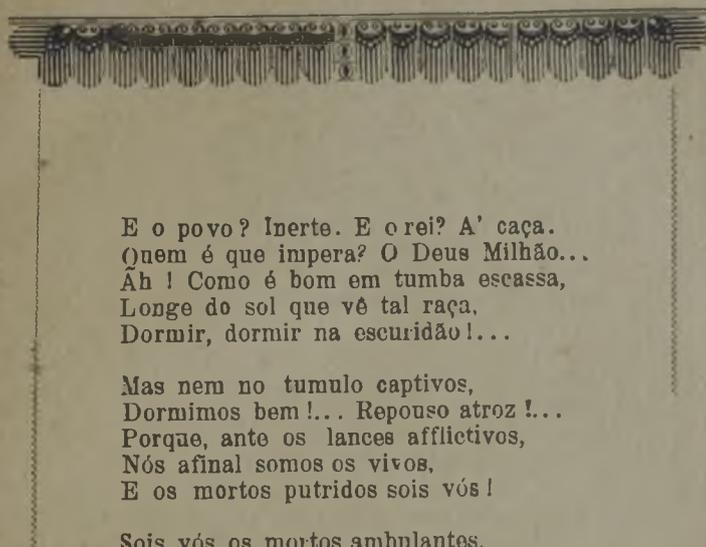
E ousaes fallar, bocas impuras,  
Em gloria, em honra, em patria, em Deus!  
E ousaes erguer das sepulturas  
Nossas herculeas armaduras,  
Chatins! chatins! pigmeus! pigmeus!

Deixae dormir nossas espadas  
Na eterna e tragica viuvez!  
Pois são de ferro e são pesadas  
Em mãos de escravos, costumadas  
—Metal mais nobre!—ao oiro inglez!...

Onde a grandeza, onde a pujança  
Do Lusitano, ao medo alheio?  
Que resta emfim da nossa herança?  
Porcos da vara de Bragança,  
Grunhi nos tumulos!... dizei-o!

Dizei, poltrões, dizei cevados,  
Que resta emfim da nossa gloria?  
Que é da altivez?—Jogou-se aos dados...  
Que é do estandarte?—Eil-o em bocados...  
Que é da nação?—Morreu na historia!

Do immenso imperio extraordinario  
Só aos ladrões ficou defezo  
O espaço triste e necessario,  
Onde o Bretão erga um Calvario  
E cuspa, rindo, o seu desprezo!



E o povo? Inerte. E o rei? A' caça.  
Quem é que impera? O Deus Milhão...  
Ah! Como é bom em tumba escassa,  
Longe do sol que vê tal raça,  
Dormir, dormir na escuridão!...

Mas nem no tumulto captivos,  
Dormimos bem!... Repouso atroz!...  
Porque, ante os lances afflictivos,  
Nós afinal somos os vivos,  
E os mortos putridos sois vós!

Sois vós os mortos ambulantes,  
Tristes automatos de pé,  
Articulando por instantes,  
Ocas palavras vacilantes,  
Gritos sem dôr, juras sem fé!

Lobos, abutres, corvos, hyenas,  
Pantoras, lynces e chacaes,  
Monstros vorazes de gangrenas,  
Luculos impios das obscenas  
Larvadas carnes sepulchraes;

Vinde em tropel, em chusma, em bando,  
Vinde ás centenas e aos milhões,  
Para o banquete miserando  
D'um povo morto, fermentando  
N'uma estrumeira d'abjecções!

Monturo d'almas!... Excrementos  
De tal baixeza e vilania,  
Que nos exgotos mais nojentos  
Fariam volvos truculentos.  
Ancias de peste e d'agonia!



Não ha latrina que suporte  
Tão baixo e cinico jantar!  
Seu cheiro putrido é tão forte,  
Que a campa, estomago da Morte,  
Era capaz de o vomitar!

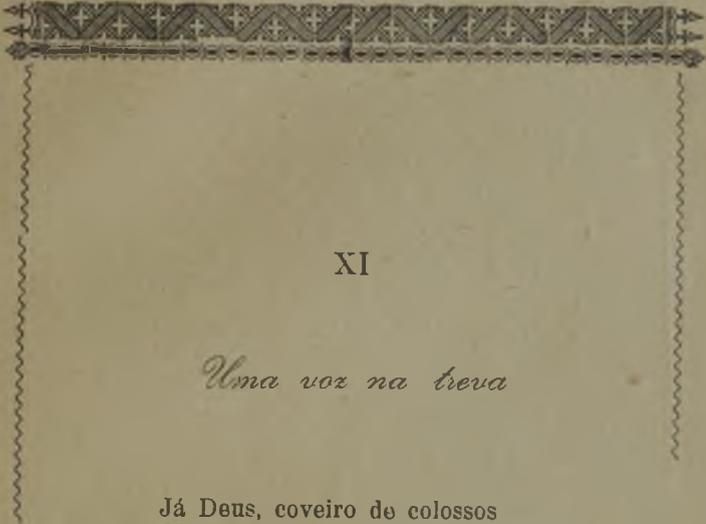
Vêde lá, pois, corvos funereos,  
Que orgia opipara de rei!  
Guelas sinistras de Tiberios.  
Roucos glutões de cemiterios,  
Comei! comei! comei! comei!

O garfo e a faca, o dente e a preza,  
Cravae, cravae n'esse festim!  
Comei, limpae de toda a meza!  
Que nem suspeita d'impureza  
D'essas carcassas reste emfim!

E em vez de raça diregida  
Por ventres podres d'urubus,  
Que dê a terra herva homicida,  
Com mais nobreza para a vida,  
Com mais direito ao ar e á luz!

E, por padrõe sassignalados  
De tantas glorias imortaes,  
Basto que o ferro dos arados  
Encontre um dia entre os siivados  
Blocos dos nossos pedestaes!





XI

*Uma voz na treva*

Já Deus, coveiro de colossos  
Oh Portugal, oh maldição!  
Dia e noite martella a tumba onde os teus ossos  
Na cripta do silencio eterno dormirão!

Com furia doida, ó vento, escarvas  
Na poeira triste... Em vão, em vão!  
Tudo é morto! Na terra unicamente larvas,  
E a luz que fosforeja ainda é podridão!

Mas que castello sobranceiro  
Ao mar profundo erguendo estão?...  
E' reducto d'heroes, que em transe derradeiro,  
Querem bater se, como as feras bravas?

*O castello :*

— Não !



*Uma voz na treva :*

Mas que trombeta, ó noite funda,  
Clangora rouca ao seu portão?  
E' a alma da Patria a bradar moribunda,  
N'um arquejo de dôr e de vingança?

*O Castello :*

Não !

*Uma voz na treva:*

Mas que clamor de gargalhadas  
Rasga, vermelho, a escuridão  
Lá dentro estão matando acaso a pun haladas  
Algum pirata vil, filho de Judas?

*O castello :*

—Não !

*Uma voz na treva :*

Quem és pois, quem és pois, sinistra fortaleza  
Que te ergues a cantar n'esta desolação?

*O castello:*

Noite ! deixa cantar quem 'stá bebendo á meza...  
Silencio ! Viva el-rei !... Sou a torre de Outão !



## A' Inglaterra

(FRAGMENTO)

O' cinica Inglaterra, ó bebeda impudente,  
Que tens levado, tu, ao negro e á escravidão ?  
Chitas e hypocrisia, evangelho e aguardente,  
Repartindo por todo o escuro continente  
A mortalha de Christo em tangas d'algodão.

Vendes o amor ao metro e a caridade ás jardas,  
E trocas o teu Deus a borracha e marfim,  
Reduzindo-lhe o lenho a cronhas d'espingardas,  
Convertendo-lhe o corpo em polvora e bombardas,  
Transformando-lhe o sangue em agua-raz e em gim!

Teus apostolos vão, prostituta devassa,  
Com o fim de levar os negros para o céu,  
Desde o Zaire ao Zambeze e desde o Cabo ao Nyassa,  
Baptisando a Impiedade em Jordões de cachaça,  
Mostrando-lhe o teu Deus na tua hostia—o guinéo!



A honra para ti é inutil bugiganga.  
O teu pudor é como um Matabel sem tanga,  
Monstruoso ladrão, barbaro traficante ;  
Compras a alma ao negro a genebra e missanga,  
Vendendo-lhe a tua biblia a queixaes de elefante.

A tua biblia ! o teu Christo !... A tua biblia é uma agenda  
Em que a virtude heroica a cifra se reduz.  
E o teu Christo londrino é um Deus de compra e venda,  
Deus que resuscitou para abrir uma tenda  
De cortiça, carvão, alcool e panos crus !

Pela estrada da Historia, ó milhafre daninho,  
Vae um povo seguindo o seu norte polar,  
E tu és o ladrão que lhe sahes ao caminho,  
Com a manha do lobo e a coragem do vinho,  
A roubar-lhe os aneis para o deixar passar !

Quando espreitas o fraco apontas a clavina,  
Quando avistas o forte envergas a libré...  
A tua mão ora pede esmola ora assassina...  
Teu orgulho, covarde, é, meu Bayard d'esquina,  
Como um tigre de rastro e um capacho de pé!

. . . . .

Quando já se desenha em arco d'alliança  
A porta triumphal do seculo que vem,  
Per onde dez nações marchando atraz da França,  
Palmas na mão, cantando um cantico d'esp'rança  
Hão de entrar n'uma nova, ideal Jerusalem;

Quando rompe a alvorada azul do grande dia,  
E de longe um clarim frenetico nos chama...  
Quando ao vér no horisonte o esplendor da alleiua,  
O colosso de ferro e d'oiro, a Tirannia,  
Já começa a baquear sobre os seus pés de lama;

Quando Pariz entoa uma epopeia homerica  
Com o timbre immortal de sua herulea voz;  
Quando, n'uma rajada esplendida e chimerica,  
O ciclone de luz que deu volta á America  
Vae co'as azas de fogo a perpassar por nós;

Quando da Patria enfim o coração fremente  
Palpitava n'um sonho encantador de gloria,  
A' face do universo inteiro, de repente,  
Brutalissimamente  
Em plena Europa, em pleno dia, em plena Historia,

Qual se fora de noite e em matagal bem denso,  
Estrangula-se a um povo heroico o seu porvir,  
Rouba-se uma nação como se rouba um leuço,  
E vê a luz do sol este attentado immenso,  
E fica o monstro impune! e o bandoleiro a rir!

E não estala um ai de dôr em cada peito!  
E não submerge o monstro á colera do mar  
E a terra continua em seu giro perfeito!...  
O' chimera, ó tristeza, ó Justiça, ó Direito!...  
Providencia! onde estás?.. que te quero insaltar!!

. . . . .



Hão de um dia as nações, como lyenas dementes,  
Teu imperio rasgar em feroz convulsão...  
E no torvo hallali, dando saltos ardentes,  
Com a baba da raiva esfie, vendo entre os dentes,  
A bramir, levará cada qual seu quinhão!

E tu ficarás só na tua ilha normanda  
Com teus barões feudaes e teus mendigos nus:  
Devorará teu peito um cancro aceso, a Irlanda,  
E a tua carne has de vê-la, ó meretriz nefanda,  
Lodo amassado em sangue, oiro amassado em pus!

E assim como brutaes monstros de pesadello  
No soturno porão d'uma nau sem 'ninguem,  
Entre nuvens de fogo e temporaes de gelo,  
De bombordo a estibordo a rolar n'um novelo,  
Desabando e rugindo, aos montões, n'um vaivem,

Se estrangulam febris, roucos, dilacerantes,  
As pupilas a arder em brasas infernaes.  
Panteras contra leões, urros contra elefantes,  
Cobras em redemoinho a silvar dardejantes,  
Bufalos escornando os tigres e os chacaes;

Assim vós, assim vós, dura raça assassina,  
Sobre essa nau de pedra onde o mar vae bater,  
Vos estrangulareis n'uma carnificiua,  
De que só ficará, sob a densa neblina,  
N'um pantano de sangue uma Gomorra a arder!



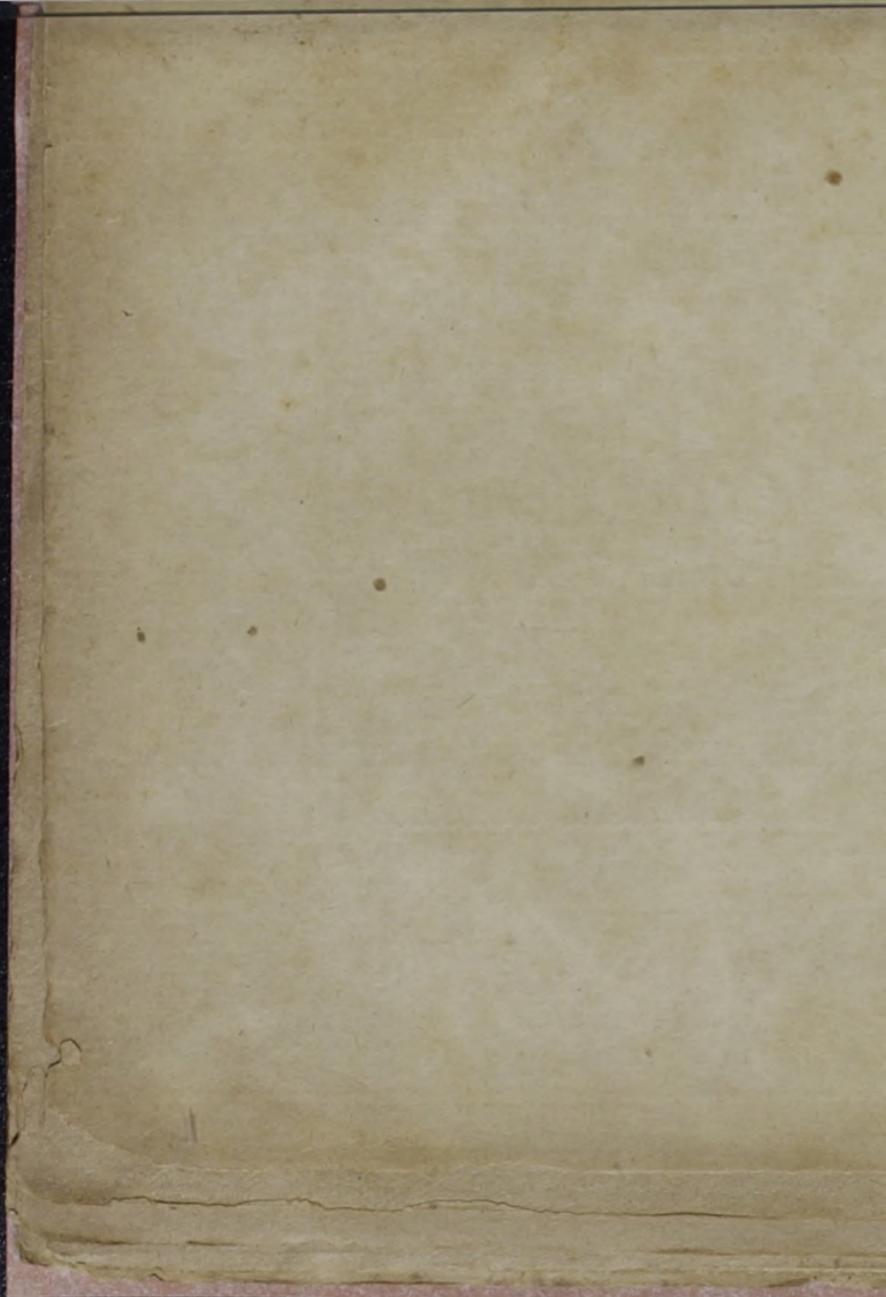
Milhões, milhões, milhões de bocas esfaimadas  
Hão de dilacerar-te o corpo com furor,  
E a pedra a dinamite e a carne a punhaladas  
Hão de tombar no mesmo escombro ensanguentadas,  
Em baques de hecatombe e blasfemias de dôr!...

Hão-de os lords rolar em postas no Tamisa!  
Ha de o corpo de um rei dar um banquete a um cão!  
Teu sólo ha de tremer como uma pitonisa,  
E a canalha sem lei, sem Deus e sem camisa  
Abrirá teu bandulho infecto, ó Deus Milhão!

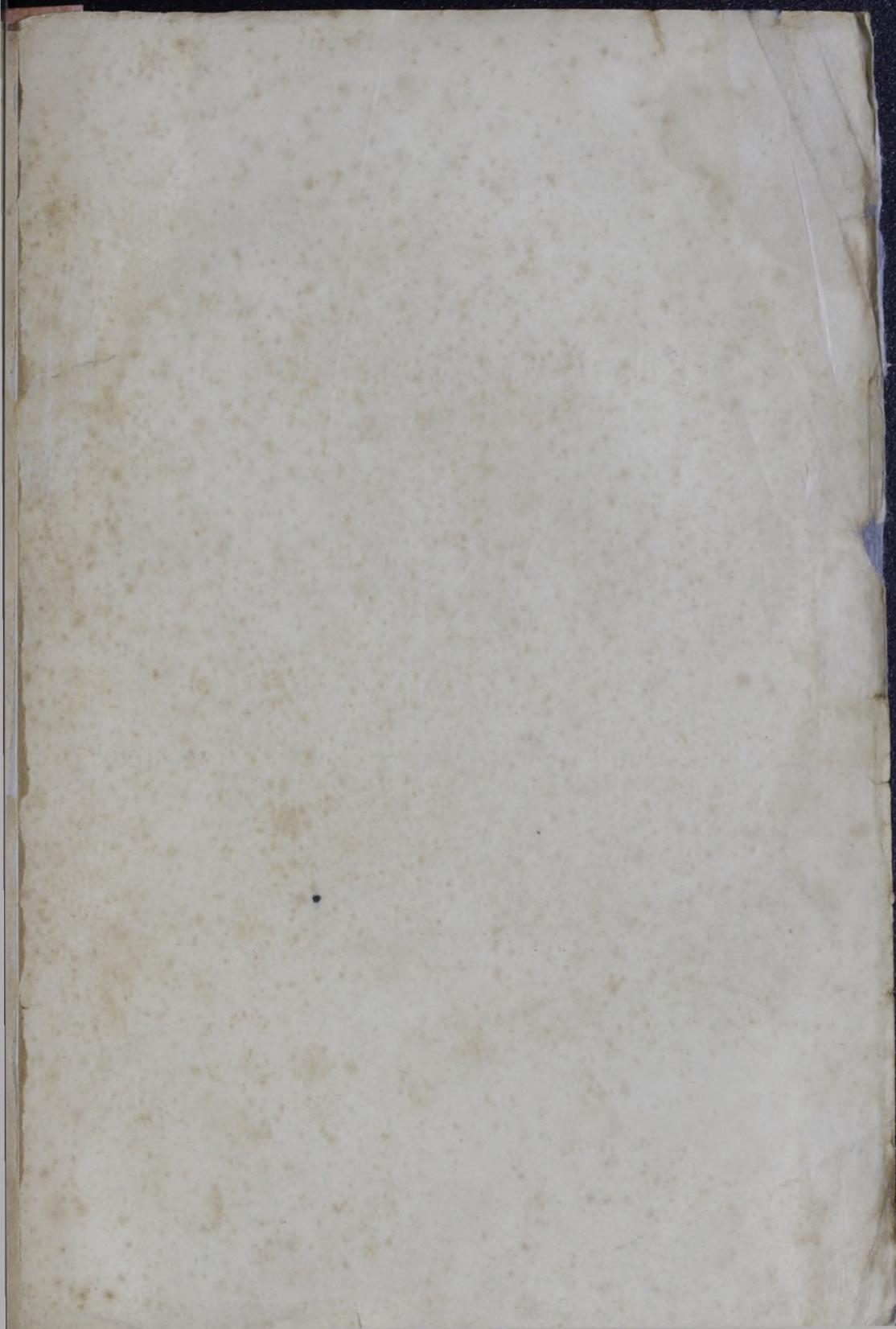
Bancos, docas, prisões, arsenaes, monumentos,  
Tudo reventará em cacos pelo ar!..  
E ao soturno fragor de teus finaes lamentos  
Responderão—ladrando! as coleras dos ventos!  
Responderão—cuspiudo! os vagalhões do mar!

Fevereiro de 1890









BIBLIOTHECA ECONOMICA ILLUSTRADA  
Romances Escolhidos, 1\$000 cada volume

COLLECÇÃO AMENA

Obras de todos os melhores autores românticos

Graziella, *Lamartine*  
Iracema, *José de Alencar*  
O Amor de Perdição, *C. C. Branco*  
Raphael, *Lamartine*  
Queda d'um Anjo, *C. Castello Branco*  
A Martyr, *D'Emery*  
Historia de um Beijo, *Perez Escrich*  
A Rosa do Adro, 1\$000

COLLECÇÃO ALEGRE

Obras de todos os melhores autores românticos

O Tio Virtude, *Paulo Burani*  
A Cazadinha Quatro Vezes, *Paulo Burani*  
O Filho da Lua, *Paulo Burani*  
O Filho dos 30 Paes, *Paulo Burani*  
Gustavo Estroina, *Paulo de Kock*  
Lisboa em Camisa, *Gervasio Lobato*  
A Recita Particular, *G. Lobato*  
O Sr. Dupont, *Paulo de Kock*

São um volume de cada collecção por mez

VENDE-SE NA •

CASA ENDRIZZI — EDITORA